EDITORA
UnB

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Educação infantil em diálogo

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Tatiana Syrikova via Pexels.com

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.

Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.

Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.
Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,
enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição
nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”
Janusz Korczak

Sumário

Prefácio 15

Apresentação 17

A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

Quando o santo de casa não faz milagres: como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação 57
Marcia Cristina Argenti

A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

A dimensão moral da avaliação: estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

“De olho na fresta”: encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Geografia e educação infantil: as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

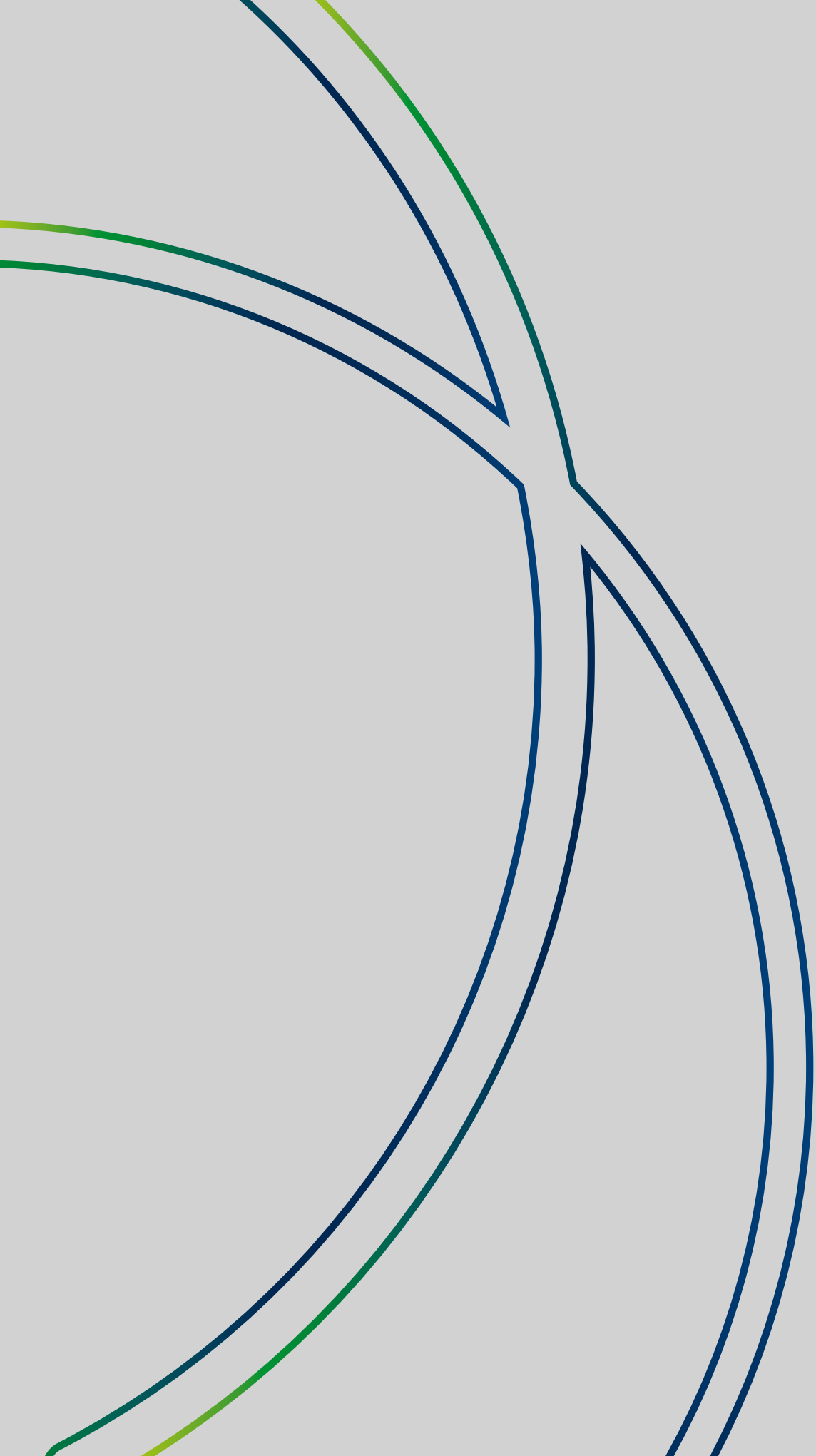
A infância brasileira em um cenário pandêmico **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Estudos sociais da infância e migrações internacionais: análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

Reflexões finais 213

Sobre os autores 217



A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre a(s) infância(s) e as crianças

Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

Notas introdutórias

Reivindicar um direito significa reconhecê-lo a todos.
A reivindicação afirma o valor e a dignidade de cada pessoa.
Alderson (2005, p. 422)

Em um país tão diverso e múltiplo quanto o Brasil, torna-se cada vez mais urgente ampliarmos as pesquisas sobre, com e para todas as formas de viver a(s) infância(s)[1] e de ser criança. Com uma crescente discussão acerca das perspectivas da diversidade e da diferença a partir da década de 1990 no campo da educação (Abramowicz; Rodrigues; Cruz, 2011), surgem também as pesquisas que apontam para desigualdades no campo da educação de crianças

[1] Partimos das análises da sociologia da infância, que considera a infância uma categoria social geracional (Qvortrup, 2011), ao mesmo tempo em que é composta por uma multiplicidade de crianças e de condições para viver a infância (Prout; James, 1990). Desse modo, utilizamos o termo infância(s) para contemplar e distinguir ambas as perspectivas.

pequenas, sejam elas do ponto de vista étnico-racial, de gênero, de classe ou geracional (Cavalleiro, 2000; Oliveira, 2004; Trinidad, 2011; Oliveira, 2011; Dias, 2012; Prado, 2013).

Apesar da crescente luz que tem-se dado a essas discussões no âmbito acadêmico, ainda temos um caminho a percorrer para garantir que as diferentes infâncias sejam contempladas nas pesquisas e que essas aproximações reverberem nas condições reais de vida das crianças brasileiras, considerando que as pesquisas também têm um papel importante na construção e na reconstrução da(s) infância(s) por meio do discurso social (Giddens, 1978), podendo ter impacto na elaboração e implementação de políticas públicas (Rosemberg, 2006). Ao falarmos da(s) infância(s) brasileiras, consideramos fundamental trazer para o centro do debate o modo como as diversas desigualdades vividas pelas crianças se intercruzam, produzindo diferentes impactos em suas vidas. Isso significa olhar para uma criança que não se pode fragmentar, por ter um leque de experiências e de desafios a partir de seu pertencimento geracional, de gênero, de classe ou de raça.

Para isso, recorremos à interseccionalidade[2] como conceito e como ferramenta analítica capaz de realizar a análise do entrecruzamento dessas múltiplas desigualdades. Sendo a interseccionalidade um conceito relativamente recente, principalmente no campo das pesquisas das infâncias, buscamos investigar, por meio da busca e da análise da produção acadêmica brasileira entre os anos de 1999 a 2020, sua incidência nas pesquisas veiculadas à área da educação infantil[3] e as potencialidades e os desafios de se trabalhar com essa ferramenta.

Importância da interseccionalidade para as pesquisas na área da educação infantil

A educação infantil brasileira tem um longo histórico de lutas para se firmar como uma etapa da educação básica, reconhecida na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/1996), buscando distanciar-se do caráter assistencialista, especialmente na educação de zero a três anos.

No entanto, a trajetória pela qual a educação infantil se constituiu, como aponta Rosemberg (2012), de modo informal em muitos contextos, com padrões de qualidade e formação de profissionais diferentes nas variadas regiões, sustentado desigualdades regionais, raciais, de classe, de gênero e raça, fez com que, ainda hoje, as crianças de zero a seis anos que frequentam as instituições educacionais no Brasil enfrentem esse conjunto de desigualdades, tanto no que se refere às políticas públicas de oferta e acesso, quanto nas desigualdades simbólicas, isto é, aquelas que impactam diretamente a maneira como bebês e crianças pequenas vivem o cotidiano da educação infantil.

[2] Conceito cunhado por Kimberlé Crenshaw, em 1989. A teórica feminista buscou analisar as diferentes configurações das estruturas de gênero e raça nas desigualdades vividas pelas mulheres negras.

[3] Os dados aqui apresentados fazem parte da pesquisa da dissertação de mestrado, com autoria e orientação, das autoras deste capítulo.

Além disso, a obrigatoriedade da pré-escola (Emenda Constitucional 59/2009 e Lei nº 12.796/2013), fez com que os padrões de oferta se distinguissem em relação à creche, com isso, quanto menor a idade da criança, menor a oferta de vagas (Sesiuk, 2019), criando o que podemos chamar de uma desigualdade de idade que afeta particularmente os bebês e as crianças bem pequenas.

A idade, assim como os marcadores de raça, de etnia, de classe e de gênero, também pode se transformar em um marcador de desigualdade, na medida em que a leitura social que se tem dela faz com que se atribuam direitos, valores e competências diferentes a depender do fator idade (Thorne, 2004).

As desigualdades de idade podem atuar de forma interdependente e intergeracional na vida das crianças. Algumas pesquisas apontam para o modo como as desigualdades vividas por mulheres e homens podem impactar a vida de bebês e crianças pequenas no acesso à educação infantil (Rosemberg, 2012; Coutinho; Cardoso, 2021), visto que adultos e crianças têm uma relação de interdependência geracional (Alanen, 2016).

Essa inter-relação entre diferentes marcadores sociais também é apontada em algumas pesquisas de outros países, como na investigação feita pelas suecas Hellman, Heikkila e Shundal (2014). Elas observam as intersecções entre idade e gênero, na medida que tanto os adultos quanto as crianças atribuíam competência em relação à idade e ao gênero, estabelecendo expectativas de padrões de comportamentos em relação ao gênero, que, se não fossem cumpridos, eram associados à idade, como a percepção de que as meninas podiam chorar, mas, no caso dos meninos, o choro era visto e apontado como uma característica do "ser bebê", visto socialmente como atributo negativo.

Isso significa que estamos falando de uma infância que, como defende a perspectiva estrutural da sociologia da infância, é uma categoria social do tipo geracional, havendo um conjunto de aspectos que unem as crianças enquanto grupo geracional (Qvortrup, 2010), que são fundamentais para pesquisas macroestruturais e para a compreensão de que a infância já ocupa uma posição de desigualdade na estrutural social em razão da sua geração. Ao mesmo passo que reconhecemos a diversidade de crianças que compõem a categoria infância, ela é tão ampla que merece ser olhada para além da geração, ou, ainda, em inter-relação com a geração.

Quais aspectos diferenciam as experiências de ser um bebê negro da região Sul ou uma criança da região Norte do Brasil? É claro que as experiências são diferentes, inclusive pela própria subjetividade humana, mas que aspectos estruturais impactam nessa construção? Como os marcadores sociais ajudam a definir modos diferentes (e desiguais) de viver as experiências de ser criança no Brasil?

Para além dos dualismos entre infância no singular e infâncias no plural, é preciso assumir a complexidade da(s) infância(s) em busca de compreender o que é ser uma criança brasileira que tem idade para frequentar a educação infantil, e quais as implicações das intersecções entre desigualdades em suas vidas e no contexto das práticas, políticas e pesquisas nessa área.

A busca por um conceito ainda incipiente na produção acadêmica brasileira

A busca pelo conceito de interseccionalidade nas produções acadêmicas brasileiras se apresentou como um desafio desde a elaboração dos descritores para tal investigação. Considerando que a discussão sobre a inter-relação entre marcadores de desigualdade já existe mesmo antes da elaboração do conceito entre as feministas negras, as palavras-chave para a busca foram organizadas de forma a contemplar os marcadores de idade e geração: bebês, crianças, infância, educação infantil, creche, pré-escola. Os conceitos mais amplos que buscavam localizar as pesquisas sobre desigualdades: interseccionalidade, intersecção, intrageracional, intergeracional, desigualdade social, diversidade social. E outros marcadores sociais que, em relação com os marcadores de idade e geração, poderiam levar às pesquisas sobre interseccionalidade: raça, gênero, classe social, deficiência, etnia, geração.

As buscas de artigos, dissertações e teses foram feitas nas plataformas SciELO, Educ@ SciElo e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), levando a um total de 147 produções, que, após os critérios de seleção,[4] resultaram em 28 pesquisas encontradas e analisadas.

Quadro 1 – Publicações encontradas como resultado da busca por Dissertações, Teses e Artigos produzidos e em acordo com os critérios considerados na pesquisa

Artigos		
Título	**Autores/as**	**Ano**
Expansão da Educação Infantil e processos de exclusão	Fúlvia Rosemberg	1999
Relações de idade e geração na Educação Infantil: ou porque é bem mais melhor a gente ser grande	Patrícia Dias Prado	2013
Educação infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade	Fúlvia Rosemberg	2014
Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos	Anete Abramowicz; Tatiane Consentino Rodrigues	2014
Raça e gênero na educação básica: pesquisando 'com' crianças	Bianca Salazar Guizzo; Maria Angélica Zubaran; Dinah Quesada Beck	2017

[4] Ver Irineu (2022).

Acolhimento ancestral e inquietações feministas negras à educação de bebês e crianças pequenas em creches e pré-escolas.	Artur Oriel Pereira; Flávio Santiago; Flávio and Souza; Ellen Gonzaga de Lima	2018
Direitos da infância em contextos de necessidades humanitárias: fatores de risco e demandas educativas	Ana Maria Eyng; João Casqueira Cardoso	2020
Infâncias, cidade e relações intergeracionais na vida cotidiana	Maria Tereza Goudard Tavares	2020
"Não é nenê, ela é preta": Educação Infantil e pensamento interseccional	Flávio Santiago	2020

Teses e dissertações

Título	Autores/as	Ano
Contrariando a idade: condição infantil e relações etárias entre crianças pequenas da educação infantil	Patricia Dias Prado	2006
Desejo, diferença e sexualidade na educação infantil: uma análise da produção dos sujeitos nas práticas escolares	Renata Pimenta Domingues	2007
Mas eu não falo a língua deles!: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil	Rosinete Valdeci Schmitt	2008
O que dizem os números sobre as crianças matriculadas nas creches brasileiras (2007/2011)	Cintia Moure de Almeida Antonio	2013
Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero	Eduarda Souza Gaudio	2013
Cuidar: relações sociais, práticas e sentidos no contexto da Educação Infantil	Erica Dumont Pena	2015
Crianças pequenininhas e a luta de classes	Elina Elias de Macedo	2016
Performatividade de gênero na infância em uma escola da periferia de São Paulo	João Rodrigo Vedovato Martins	2016
Mandingas da infância: as culturas das crianças pequenas na escola municipal Malê Debalê, em Salvador (BA)	Mighian Danae Ferreira Nunes	2017

Por uma abordagem antropológica da infância e da deficiência: duas categorias sob o olhar de um antropólogo	André Filipe Justino	2017
Corporalidades de Meninas e Meninos na Educação Infantil: Normatividades e (Re) Significações de Gênero	Laura Tereza de Sa e Benevides	2018
"Atira no coração dela": corpos e scripts de gênero na educação infantil	Michele Lopes Leguiça	2019
Eu quero ser o sol!: (re)interpretações das intersecções entre as relações raciais e de gênero nas culturas infantis entre crianças de 0 a 3 anos em creche	Flávio Santiago	2019
E quando o assunto é política pública, quem são os bebês e as crianças bem pequenas nas questões de gênero?	Djenane Martins Oliveira	2019
Amigues: um estudo interseccional das práticas de amizade entre as crianças pequenas na educação infantil	Artur Oriel Pereira	2020

Fonte: Irineu (2022)

Após a seleção e leitura das pesquisas, elas foram agrupadas em cinco categorias de análise: pesquisas sobre raça, pesquisas sobre gênero, pesquisas sobre geração e idade, pesquisas sobre diversidade, diferença e desigualdade e pesquisas que fazem uso do conceito de interseccionalidade.

Pesquisas sobre raça

Nesse agrupamento de trabalhos, temos raça como uma categorial central na análise e investigações na ou da educação infantil, entendida como uma categorial social e não biológica em todas as pesquisas, isto é, definida por características fenotípicas e a partir da leitura social que se fazem delas.

Essas pesquisas apresentam raça como tema central, em uma relação secundária com gênero, classe social, idade e geração, em análises que priorizam os efeitos do racismo na vida das crianças no contexto da educação infantil, do ponto de vista simbólico, havendo apenas uma pesquisa que faz uma análise macroestrutural da oferta de vagas na educação infantil em relação à categoria raça.

Embora a interseccionalidade apareça em alguns trabalhos, ela é mencionada como um conceito em potencial, mas não atua como ferramenta analítica ou metodológica. No trabalho de Rosemberg (2014), o termo interseccionalidade não aparece. No entanto, a pesquisadora já trabalha com a perspectiva interseccional ao evidenciar dados que indicam os impactos

das desigualdades de região, econômicas e de idade na oferta de vagas para crianças de zero a três anos, em relação ao pertencimento racial de bebês e crianças bem pequenas.

Pesquisas sobre gênero

Esse também é um conjunto de trabalhos que analisa as relações de gênero no contexto da educação infantil a partir da leitura do gênero como categoria social. Semelhante à categoria de análise sobre raça, essas pesquisas privilegiam pesquisas de campo, com uma pesquisa de análise documental.

Aqui, o conceito de interseccionalidade aparece um pouco menos e de forma mais diversa em relação ao seu uso, mas, ainda assim, com alguns trabalhos que exploram um pouco mais a origem do termo e sua relevância para o campo da educação infantil.

Gênero aparece em intersecção com raça, classe, geração e idade, apontando para a forma como as normas e padrões de gênero são socialmente construídos. Nesse aspecto, podemos ver uma maior relação das análises de gênero em aproximação com a categoria idade, já que algumas pesquisas mostram que os padrões de gênero podem variar entre meninos e meninas a depender da idade.

Pesquisas sobre geração e idade

A esse conjunto de pesquisas, geração e idade aparecem como tema de análise centrais. Por essa também ser uma discussão recente, se comparada às discussões sobre raça e gênero, aqui podemos ver que a interseccionalidade aparece de forma mais tímida, mencionada como uma possibilidade para pesquisas futuras.

No entanto, vemos que os conceitos de geração e idade são mais explorados e, em alguns momentos, se faz uma inter-relação entre as desigualdades intergeracionais entre adultos e crianças, ao mesmo tempo das desigualdades intrageracionais, das crianças entre si, mas com o fator idade evidenciado.

Pesquisas sobre diversidade, diferença e desigualdade

Esse grupo de pesquisas é bastante diverso entre si, por isso, foram incluídos nessa categoria de análise. No entanto, neles estão situados os conceitos que são a base para o pensamento interseccional: a diversidade, a diferença e a desigualdade. Dessa forma, embora o conceito não seja mencionado, temos discussões importantes que chamam a atenção para a urgência de considerar as infâncias e sua multiplicidade nas pesquisas brasileiras, isso porque nesses trabalhos temos uma predominância de discussões teóricas. Também optamos por incluir essas pesquisas, pois categorias de análise que apareceram pouco na busca bibliográfica se enquadram aqui, como por exemplo a pesquisa de Justino (2017), que aborda a deficiência

a partir do ponto de vista do seu caráter como categoria social, e a relevância de investir em pesquisas que se proponham a investigar as intersecções entre infância e deficiência.

Pesquisas que utilizam a interseccionalidade como ferramenta de análise

Por fim, temos o conjunto de pesquisas que fazem uma análise interseccional, utilizando, ou não, o conceito, mas trabalhando com mais de um marcador social em inter-relação, sem privilegiar um ou outro. Temos uma diversidade de metodologias, com pesquisas que contam com análises quantitativas, pesquisas teóricas e pesquisas etnográficas.

Com o uso da ferramenta, pesquisadoras e pesquisadores conseguem perceber como diferentes marcadores sociais operam juntos, produzindo efeitos particulares na vida das crianças. As infâncias são entendidas e abordadas como relações complexas, que quando são focalizadas na ótica da interseccionalidade são capazes de dar luz à discussão e desnaturalizar e questionar determinadas estruturas e padrões de repetição que geram desigualdades.

Considerações finais

Com o objetivo de investigar as aproximações, discussões e pesquisas com uso da interseccionalidade no contexto da educação infantil, a partir deste trabalho pudemos ver que são vários os desafios encontrados. Em razão da pouca expressividade do conceito nas produções acadêmicas, pesquisas que não mencionam o termo, mas que fazem uma aproximação com a discussão, foram incluídas. No entanto, apesar das análises, lembramos que esses pesquisadores não se propuseram a intencionalmente trabalhar com a interseccionalidade, portanto, as análises tiveram o objetivo de mapear de forma bastante minuciosa o que já se tem produzido sobre a temática, e têm como foco apontar para as características e desafios encontrados.

Na busca, foi expressiva a presença das categorias de raça e gênero em quase todos os trabalhos, mesmo naqueles que não as tinham como foco. A presença dessas características pode se dar tanto pelo avanço dos estudos de gênero e raça no Brasil quanto pela ligação dessas discussões na elaboração do conceito de interseccionalidade. Nesse sentido, vimos lacunas no que se refere aos marcadores de etnia e deficiência, por exemplo, e uma discussão que parece começar a ganhar espaço sobre os marcadores de classe social e de geração e idade.

A análise da produção acadêmica também revela a presença da interseccionalidade enquanto conceito nas discussões teóricas, e a relevância dessa ferramenta parece ser imprescindível para as pesquisas, mas precisamos avançar e começar a utilizá-la como ferramenta metodológica que opere como lente analítica nas pesquisas para, assim, encararmos os desafios que se apresentam.

Outro aspecto importante que chama atenção nas pesquisas encontradas é o presente e intenso diálogo com os estudos sociais da infância e, mais particularmente, com a sociologia da infância. Um número bastante expressivo de pesquisas trabalha com os conceitos dessa

área, considerando a criança como ator social, a produção de culturas infantis e a infância como categoria geracional. Ainda assim, vemos a sociologia da infância como um suporte teórico, e não necessariamente aprofundada em elaboração de novas teorias, conceitos e relações. Esse parece ser um caminho fundamental e necessário em pesquisas futuras.

Referências

ALANEN, L. 'Intersectionality' and other challenges to theorizing Childhood. *Childhood*, v. 23, n. 2, p. 157-161, 2016. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/0907568216631055. Acesso em: 8 mar. 2024.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Emenda constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009. *Diário Oficial da União*, 12 nov. 2009.

CAVALLEIRO, E. S. *Do silêncio do lar ao lar escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Contexto, 2000.

COUTINHO, A. S.; CARDOSO, C. A educação e o cuidado dos bebês na pandemia: uma análise a partir das relações geracionais, raciais e de gênero. *Revista Zero a Seis*, v. 23, n. Especial, p. 175-194. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/79001. Acesso em: 8 mar. 2024.

FILIPE JUSTINO, A. F. *Por uma abordagem antropológica da infância e da deficiência: duas categorias sob o olhar de um antropólogo*. 2017. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GIDDENS, A. *Novas regras do método sociológico*. Rio de janeiro: Zahar, 1978.

HELLMAN, A.; HEIKKILA, M.; SUNDHALL, J. 'Don't be Such a Baby!' Competence and Age as Intersectional Co-markers on Children's Gender. *International Journal of Early Childhood*, v. 46, n. 3, p. 327-344, 2014. Disponível em: https://www.scinapse.io/papers/1983657051. Acesso em: 8 mar. 2024.

IRINEU, A. C. *Infância(s), crianças e interseccionalidade: análise da produção acadêmica brasileira na área de educação infantil*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. *Educação e Pesquisa*, v. 36, n. 2, p. 631-643, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/M9Z53gKXbYnTcQVk9wZS3Pf/#. Acesso em: 8 mar. 2024.

OLIVEIRA, F. O campo dos estudos de bebês e a questão racial: o que nos apontam as pesquisas?. *In:* TEBET, G. (org.). *Estudos de bebês e diálogos com a sociologia*. São Carlos: Pedro e João, 2019.

OLIVEIRA, F. *Um estudo sobre a creche: o que as práticas educativas produzem e revelam sobre a questão racial?*. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

RODRIGUES, T. C.; ABRAMOWICZ, A. O debate contemporâneo sobre a diversidade e a diferença nas políticas e pesquisas em educação. *Educação e Pesquisa*, v. 39, n. 1, p. 15-30, 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/WskqTPrZgtc8k56XHvr8XBz/. Acesso em: 8 mar. 2024.

ROSEMBERG, F. Criança pequena e desigualdade social no Brasil. *In:* Freitas, M. C. *Desigualdade social e diversidade cultural na infância e na juventude*. São Paulo: Cortez, 2006.

ROSEMBERG, F. Educação Infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade. *Cadernos de Pesquisa*, v. 44 n. 153, p. 742-759, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/cp/a/xK4BvTfDz93x57SfS57yWRg/. Acesso em: 8 mar. 2024.

ROSEMBERG, F. A criança pequena e o direito à creche no contexto dos debates sobre infância e relações raciais. *In:* BENTO, M. A. S. (org.). *Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais*. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2012.

SESIUK, P. *Oferta e acesso à creche pública em Curitiba: a construção da desigualdade social*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019.

THORNE, B. Theorizing age and other differences. *Childhood*, v. 11, n. 4, p. 403-408, 2004. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0907568204047103. Acesso em: 8 mar. 2024.

TRINIDAD, C. T. *Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

Sobre as organizadoras

Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

Sobre os autores

Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia